

**PALAVRAS SOBRE PALAVRAS:
DIFERENÇAS MORFOLÓGICAS E SINTÁTICAS
NAS EDIÇÕES DA OBRA *BUGRINHA*,
DE AFRÂNIO PEIXOTO**

Érica Azevedo Santos (UEFS)

ericazevedo_ba@hotmail.com

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)

ritaqueiroz@e-net.com.br

“A escrita se altera, muda o espírito”
(Laufer, p. IX)

PALAVRAS INICIAIS

A escrita constitui-se um divisor de águas para a história da humanidade. É através dela que o indivíduo registra suas memórias e tradições. “Todas as ações do homem são postas no papel: sua literatura, sua ciência, seu direito, sua religião etc. [...] O homem, suas idéias e seu mundo são vistos através desses artefatos”. (Queiroz, 2005, p. 19-20). Por isso, é fundamental que tais registros não sejam indevidamente adulterados para que se possam fazer as corretas interpretações da história.

Num ensaio em que se discorre a respeito do livro Jorge Luis Borges afirma que o “[...] mais importante de um livro é a voz do autor, a voz que chega até nós”. (1996, p. 10). Mas o que acontece quando a voz do autor muda a cada edição ou quando a voz de terceiros se mistura à voz daquele? Qual é a voz que deve chegar aos leitores?

Obviamente a missão primeira do texto (neste caso o texto literário escrito) é a comunicação. Contudo, podem ocorrer “ruídos” que impeçam o texto de levar a voz de seu autor. Para que se possa assegurar ao leitor um texto que seja a mais genuína realização de seu autor existe a Crítica Textual, ramo da Filologia dedicado à investigação das mudanças a que uma obra é suscetível. Com o advento da imprensa acreditava-se que as alterações seriam menores que aquelas introduzidas nos manuscritos medievais, o que de fato não

aconteceu. Desta forma, advertem Cambraia e Megale (1999, *online*) que “[...] a preocupação com a autenticidade do texto é também importantíssima mesmo quando se trata de obras que datam já de depois da imprensa”.

AUTOR E OBRA

Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) nasceu em Lençóis, na Chapada Diamantina, região do estado da Bahia, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, onde viveu a maior parte de sua vida. Um cidadão que obteve sucesso e respeito em todos os campos em que atuou: na medicina, na literatura, na educação, na história e na política. Entre as ocupações e os títulos recebidos, somente para citar alguns, estão a presidência da Academia Brasileira de Letras (1923); o cargo de reitor da Universidade do Distrito federal (1934); o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Lisboa (1924) e pela Universidade de Coimbra (1935), a função de professor no primeiro curso de criminologia do país na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (1932).

Na literatura, não somente dedicou-se à produção de obras como também realizou pesquisas importantes, a exemplo das obras de Camões e Castro Alves. Como escritor, deixou-nos obras que retratam a cultura de sua terra natal. Sua estréia literária ocorreu em 1900, com a publicação de *Rosa Mística*, drama polêmico, repudiado por ele próprio. Após a publicação desta obra só voltou a escrever em 1911, ao ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, publicando *A Esfinge*, seu primeiro romance, livro que alcançou grande sucesso e teve a tiragem esgotada em poucos dias, possuindo duas edições no mesmo ano.

Publicado em 1922, *Bugrinha* é o quarto romance de Afrânio Peixoto, penúltimo sertanejo (Seus romances são classificados, do ponto de vista do cenário, em urbanos e sertanejos), fazendo parte também da linha de romances da mineração do diamante. Protagonizado por Bugrinha e Jorge, “[...] um romance que faz um raio-x de uma cidade, de sua gente, tão semelhante às outras da chapada.” (SALES, 1988, p.45). O romance foi traduzido para o francês e o espanhol, sendo adaptado para o cinema no longa *Diamante Bruto*, di-

rigido por Orlando Senna em 1977. Esta obra deu continuidade à respeitada carreira literária de Afrânio Peixoto.

Seis edições do romance, publicadas em vida do romancista, foram analisadas a fim de se perceber as mudanças ocorridas ao longo dos vinte e cinco anos que separam a primeira da última edição. Afrânio Peixoto era um autor que acompanhava e revisava as edições de suas obras.

AS MUDANÇAS

No texto literário cada vocábulo ou sinal de pontuação possui uma função específica dentro do texto. Cada termo adquire um significado “especial” que perpassa por questões espaciais, histórico-culturais e temporais. Desta forma, um acréscimo, uma supressão ou uma substituição de qualquer termo, por mais “simples” que pareça, introduz sérias mudanças na interpretação de uma dada obra, haja vista que cada parte do texto estabelece determinada relação para com o todo e o “[...] objeto só se configura em sua plena realidade [...] graças à estrutura” (Carone, 1991, p. 12)

Para este trabalho, foram tomados para análise os dois primeiros capítulos do romance *Bugrinha*. A partir da segunda edição já se notam mudanças às quais algumas se mantêm até a sexta, outras são novamente modificadas. Apresentam-se, ainda, “correção” de alterações anteriores.

Buscou-se perceber as diferenças sintáticas e morfológicas. Estas não serão apresentadas separadamente, visto que, às vezes, uma mudança morfológica implica numa mudança sintática e vice-versa. Para a melhor compreensão de como tais modificações afetam o plano do significado do texto cada uma delas será explicitada a partir de trechos da obra, sendo subdivididas as mudanças de pontuação e as mudanças de vocábulos.

As Mudanças de Pontuação

Os sinais de pontuação são elementos importantes dentro do texto. Sua presença ou ausência altera significativamente um enunci-

ado. No entanto, trata-se de algo pouco perceptível ao leitor comum. Dificilmente será notado o acréscimo de uma vírgula ou a sua substituição por outro sinal, por exemplo, mesmo que o leitor tenha lido edições distintas de uma mesma obra, uma vez que não se lembrará de toda a sua construção, o que pode levá-lo a outras interpretações. Nos dois capítulos analisados de *Bugrinha* as mudanças relacionadas à pontuação são muito presentes.

Texto da primeira, segunda e terceira edição	Texto a partir da quarta edição
Na grande paz da casa fechada e adormecida, escutava dentro de si, o clamor de suas emoções e de seus pensamentos, cuja festa lhe parecia mais encantada que um repouso efêmero, ¹ ou esquecimento passageiro da vida.	Na grande paz da casa fechada e adormecida, escutava dentro de si, o clamor de suas emoções e de seus pensamentos, cuja festa lhe parecia mais encantada que um repouso efêmero ou esquecimento passageiro da vida.
Texto da primeira, quarta, quinta e sexta edição	Texto da segunda e terceira edição
O coração que batia compassado, parece que lhe assegurava a intuição simples, dessas verdades tranqüilas e contentes. Por isso, perdera o sono e não o procurava.	O coração que batia compassado, parece que lhe assegurava a intuição simples, dessas verdades tranqüilas e contentes. Por isso, perdera o sono, ² e não o procurava.
Texto primeira edição	Texto a partir da segunda edição
Olhava para ela, ³ Maria do Carmo, e logo para Mateus, como a indicar a este o que parecia não ver, ou não querer ver.	Olhava para ela Maria do Carmo, e logo para Mateus, como a indicar a este o que parecia não ver, ou não querer ver.

As mudanças de vocábulos

As alterações de vocábulos podem atribuir outro sentido ao texto, o que pode causar sérios problemas de interpretação e prejudicar a compreensão da obra, visto que há várias vozes num mesmo texto.

¹ Supressão da vírgula em edições posteriores;

² Acréscimo da vírgula na segunda e terceira edição e supressão da mesma a partir da quarta;

³ Vírgula suprimida a partir da segunda edição;

Texto da primeira edição	Texto a partir da segunda edição
Esses quatro anos, como que os não vira, ou apenas dormitara, indo, vindo, crescendo, botando corpo, sem tento, sem a consciencia sequer da vida, ⁴ que não está na gente, mas que é feita apenas da reciprocidade do sentimento, o que vivem por nós, e nós por eles, ou por ele.	Esses quatro anos, como que os não vira, ou apenas dormitara, indo, vindo, crescendo, botando corpo, sem tento, sem a consciencia sequer, que não vem da gente , mas é feita apenas da reciprocidade do sentimento, o que vivem por nós, e nós por eles, ou por ele.
Texto da primeira edição	Texto a partir da segunda edição
Ela concentrara o seu nesse dom de si ⁵ , absoluto, que lhe fizera e só para ele queria viver. ”	Ela concentrara o seu nesse dom de si mesma , absoluto, que lhe fizera e só para ele existia. ”
Texto da primeira edição	Texto a partir da quarta edição
[...] Uma palpação de asas ao vento, uma alegria buliçosa nos campos em torno, neblina ⁶ e fumos.	[...] Uma palpação de asas ao vento, uma alegria buliçosa nos campos em torno, névoa e fumos.
Texto da primeira edição	Texto a partir da segunda edição
De fato já se ouviam sons de música <i>rude</i> ⁷ , que se aproximava. Em pouco à vista se mostrava ⁸ o grupo de peregrinos, que tornavam ⁹ à cidade, engrossada à passagem por meninos e desocupados, seguindo a charanga ladeira acima, pelo lavrado afora.	De fato já se ouviam sons de música que se aproximava. Em pouco, assomavam ao longe o grupo de peregrinos, que volvia à cidade, engrossada à passagem por meninos e desocupados, seguindo a charanga ladeira acima, pelo lavrado afora.
Bugrinha, silenciosa, conservava ¹⁰ a mesma polidez; abaixara, porem, os olhos, seus grandes olhos que ensobravam longos cílios negros	Bugrinha, silenciosa, conservava a mesma polidez; abaixara, porem, os olhos, seus grandes olhos que ensobravam longos cílios negros

⁴ A partir da segunda edição ocorre a supressão do termo vida, a substituição de “que não está na gente” por “que não vem da gente” e a supressão do que (antecedido pelo vocábulo conjuntivo mas);

⁵ Acréscimo do termo enfatizador mesmo a partir da segunda edição e substituição da locução verbal “queria viver” por “existia”;

⁶ Substituição de “neblina” por “névoa”.

⁷ Vocábulo suprimido em edições posteriores

⁸ Substituição de “à vista se mostrava” por “assomavam ao longe”

⁹ Substituído por “volvia” em edições posteriores

¹⁰ Substituição da forma verbal no pretérito-mais-que-perfeito pelo mesmo no pretérito imperfeito em edições posteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação primeira do profissional que possui como objeto de estudo o texto escrito deve ser com a genuinidade do mesmo, visto que de maneira contrária pode-se calar a voz do autor ou, ainda, adulterá-la. Através da análise da obra tratada e dos exemplos de mudanças que acreditamos autorais por que Afrânio Peixoto acompanhava as edições de seus romances é possível demonstrar o quanto um texto é passível de mudança. Por isso a necessidade de buscar a genuinidade do texto e a importância de se trabalhar com o texto crítico.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Jorge Luís. *Cinco visões pessoais*. Tradução Maria Rosinda Ramos da Silva. 3ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.
- CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- MEGALE, Heitor; CAMBRAIA, César Nardelli. Filologia portuguesa no Brasil. In: *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*. São Paulo, vol. 5, nº especial, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2009.
- LAUFER, Roger. *Introdução à textologia*. Tradução Leda Tenório da Motta. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- PEIXOTO, Afrânio. *Bugrinha*. Rio de Janeiro: Castilho, 1922.
- . *Bugrinha*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924.
- . *Bugrinha*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928.
- . *Bugrinha*. 6ª ed. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC, 1947.
- QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. A filologia e a documentação manuscrita. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 11, nº 32, p. 18-29, 2005.
- SALES, Fernando. *Aspecto da vida e obra de Afrânio Peixoto*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1987.